
Resenha

Por que o Brasil faz tantos gols contra? notas sobre o mazombismo

Aristides Alonso¹

Como qualquer brasileiro bem sabe, o gol contra é um lance do futebol no qual um jogador faz a bola entrar no gol de sua própria equipe, resultando em vantagem para a equipe adversária. O gol contra normalmente estigmatiza o jogador, em função do prejuízo a seu time. “Marcar gol contra” tornou-se uma metáfora para qualquer ação que prejudique a própria equipe. Às vezes, falamos em “dar um tiro no próprio pé” ou “atentar contra o patrimônio”, etc. Como exemplos, vamos relembrar o jogo recente de abertura da Copa do Mundo de 2014 e estreia do Brasil contra a Croácia. Apesar da vitória por 3 a 1, essa partida gerou uma repercussão negativa nas redes sociais. Na jogada que definiu o único gol da Croácia, a bola desviada pelo jogador croata tocou o pé do lateral Marcelo e foi para o fundo das redes de Júlio César. Muitos internautas usaram o Facebook e o Twitter para criticar o jogador, às vezes com comentários racistas. É marcante o fato de que a abertura da Copa seja com um gol contra do Brasil! Será mera coincidência, azar no jogo ou um problema maior? Afinal, o Brasil ganhou a partida apesar do sufoco de já sair com prejuízo no placar.

O outro gol contra foi muito mais grave e com prejuízos ainda maiores. A tão aguardada apresentação – inédita no mundo e prevista para a abertura da Copa – do exoesqueleto, aparelho que faz um tetraplégico recuperar os movimentos, foi ignorada pelos organizadores e mal apresentada pelos jornalistas brasileiros de plantão na festa de abertura da Copa do Mundo na

¹ Doutor em Letras (UFRJ) e Pós-doutor em Comunicação (Centro de Estudos da Comunicação e Linguagens / Universidade Nova de Lisboa). Professor (UERJ e FACHA/RJ). Diretor (NovaMente/RJ). Pesquisador do ETC: Estudos Transítivos do Contemporâneo (GP/CNPq).
Email: aristidesalonso@br.inter.net

Arena Corinthians. A divulgação durou menos de 10 segundos e não teve por parte dos jornalistas nenhuma explicação que pudesse situar aos espectadores do mundo todo o que estava acontecendo. O cientista brasileiro Miguel Nicolelis – com uma pesquisa de ponta no campo das tecnologias ligadas à interface cérebro/máquina – construiu uma estrutura robótica, responsável por devolver aos paraplégicos a sensação de andar. A apresentação desse projeto, que tinha o objetivo de divulgar o Brasil também como um país onde há criação de novas tecnologias era um dos momentos mais esperados da abertura da Copa. Ele não escondeu sua decepção e criticou a FIFA pela exibição relâmpago do exoesqueleto durante a cerimônia, o que deixou as imagens do chute dado por Juliano Pinto em segundo plano, aparecendo na transmissão oficial somente em imagens reeditadas. O foco da transmissão estava na chegada do ônibus com a seleção brasileira! “A FIFA deveria responder pela edição das imagens que impediu que a demonstração fosse transmitida na íntegra. Responsabilidade é toda dela”, declarou Nicolelis no Twitter, dizendo-se satisfeito com a realização do projeto. Hoje sabemos que o projeto do cientista brasileiro, lançado na Copa do Mundo de 2014, não atingiu ainda o objetivo anunciado e que também foi lançada comercialmente um modelo semelhante nos Estados Unidos – o ReWalk – que possibilita paraplégicos levantar-se, andar, sentar-se e subir e descer escadas, embora o exoesqueleto não seja comandado por implantes neurais como no Walk Again de Nicolelis, mas por comandos dados por controle no pulso (Veja, 10/09/2014, p. 108-11).

Mas isso não altera a questão que destacamos. Há, em nossa história cultural, uma longa tradição de tiros no pé e gols contra. Muitos pensadores brasileiros – como Vianna Moog, Anísio Teixeira e MD Magno – já descreveram esse nosso sintoma e seus efeitos destrutivos para os projetos feitos no Brasil. Trata-se do *mazombismo*, que nos acomete desde os primórdios de nossa história. Falamos muito sobre nossa esperteza, nosso “jeitinho brasileiro”, nosso modo maneiro de encarar a vida – para o melhor ou para o pior –, mas ignoramos solenemente o que nos torna tão destrutivos e autofágicos. Se somos tão jeitosos e maneiros, por que o Brasil está na situação em que está? Em contraposição a essa nossa possibilidade de transação, temos instalada, nas

bases da cultura, a mentalidade do mazombo, descrita primeiramente por Vianna Moog (em nossa história), por Anísio Teixeira (em nossa educação) e por MD Magno (em nosso comportamento) com seus efeitos frequentemente destrutivos de nossa produção e empreendedorismo.

Mazombo era a pessoa nascida no Brasil, de pais estrangeiros, especialmente portugueses, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss*. Justamente por isso, não se reconheciam como sendo brasileiros e desejavam ir à suposta pátria a que pertenciam, mas, em lá chegando, desejam voltar, pois sentiam saudades do lugar em que nasceram e ao qual estavam afetivamente ligados. Mazombo é uma categoria à parte, à qual ninguém queria pertencer. Por isso também mazombo significa sorumbático, macambúzio, mal-humorado. A mazombice é então a qualidade ou ação de mazombo. Em análise de Vianna Moog – que vale a pena ler com atenção –, assim é descrito esse personagem:

No fundo, o mazombo, sem o saber, era ainda um europeu extraviado em terras brasileiras. Do Brasil e da América, de suas histórias, de suas necessidades, de seus problemas, nada ou pouco sabia, porque vivia no litoral, mentalmente de costas para o país. Iam mal as coisas no Brasil? Ah, isto não era com ele. Ademais, o que poderia fazer, se era só contra todos. Na vida pública como na vida privada, nunca seria por sua culpa ou negligência que isto acontecia. A culpa seria sempre dos outros. E assim, recusando, *racionalizando*, contradizendo-se, não participando, reduzindo ao mínimo os seus esforços físicos, espirituais e morais para o saneamento e elevação do meio em que vivia, *pagando para não se incomodar*, quando se tratava do interesse coletivo; lisonjeando, corrompendo, revolvendo céus e terras quando se tratasse de seus próprios interesses, ninguém como ele para contaminar o ambiente de tristeza, imoralidade, indiferença e derrotismo. Inesgotáveis como eram suas reservas de má vontade para com tudo que se referisse ao Brasil, vivia a escancarar as suas simpatias para com tudo o que fosse europeu (*Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, p. 157-8).

Anísio Teixeira, por sua vez, demonstrou os efeitos da duplicidade entre valores proclamados e valores reais da colonização portuguesa no Brasil e seus efeitos na educação: a disseminação do império e do cristianismo como valor proclamado e a exploração predatória em busca de fortuna como valor real. Os mazombos insistiam em valores e cultura idênticos aos da metrópole europeia. Assim, os mazombos não demonstravam respeito e assunção em relação às manifestações culturais, científicas ou artísticas surgidas no Brasil. Como não

conseguiram alcançar um padrão de valores semelhantes aos europeus, decretavam que a situação efetivamente existente era como se fosse idêntica à ambicionada (*Educação no Brasil*. MEC: Ministério da Educação e Cultura, 1976). Mesmo após a Independência, essa ambivalência permanece em nossa cultura até hoje.

Para MD Magno, além de não aproveitarmos as nossas qualidades antropofágicas, como descritas por Oswald de Andrade, a “síndrome do mazombo” pode ser reduzida ao seguinte dilema: *o outro mais distante é que é o mesmo*. O que é um problema neurótico grave para nós: o outro, quanto mais distante, mais é o mesmo, pois só me identifico com o outro que está muito longe. Quando está perto não vale nada: “Não entro em clube que me aceita” (Groucho Marx). Magno descreve as resultantes mais evidentes da “síndrome do mazombo”: a) O que é brasileiro não presta (síndrome de inferioridade; alma de vira lata); b) Não há reconhecimento do que é produzido aqui no Brasil. Qualquer reconhecimento tem que vir do estrangeiro; c) Sempre serra o galho em que se está sentado (o gol contra, o tiro no próprio pé; o atentado contra o patrimônio); d) o “assassinato cultural” (Glauber Rocha): a exclusão pelo “silêncio” ou pela sabotagem de qualquer chance de reconhecimento ou circulação (prática reconhecidamente stalinista). Logo, não precisamos de inimigos, pois os vizinhos e os colegas já são os primeiros a destruir e a sabotar o que está sendo criado (*Comunicação e cultura na era global*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005).

Voltemos ao gol contra: um cientista brasileiro – produzindo uma tecnologia de ponta que poderá ter muitas aplicações práticas e benéficas em nossa vida cotidiana – teve seu projeto de divulgação de conhecimento e tecnologia também *made in Brazil* tratado de maneira leviana e irresponsável e descaradamente ignorada pela mídia de modo geral. Independente de qualquer polêmica que essa pesquisa esteja suscitando – o que é esperável em pesquisas dessa natureza –, ela foi apresentada de tal maneira que o espectador não pudesse entender do que se tratava e fica evidente que a divulgação desse projeto foi sabotada. E pior ainda: a mídia brasileira praticamente não se manifestou sobre esse assunto na ocasião.

Esses exemplos destacam a permanência do mazombismo em nossa cultura, embora Nelson Rodrigues tenha dito que não tínhamos mais alma de vira lata, quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo em 1958. Mas só isso não basta. Esse é o impasse sintomático do Brasil: o sintoma mazombo de nossa cultura come as chances de nossa produção criativa, quando esta calha de acontecer. Em vez de faturarmos o acontecimento, acontece um gol contra. Só então “corremos atrás do prejuízo”, quase sempre tarde demais. Essa expressão é muito adequada aos recentes gols contra que aconteceram na Copa do Mundo no Brasil.

Mas as coisas não pararam por aí. Como este texto foi escrito na abertura da Copa de 2014, não havia ainda a confirmação do desastre que foi a participação do Brasil no mundial – com uma das piores exibições de todos os tempos –, principalmente na derrota de 7x1 no jogo contra a Alemanha, que só veio a confirmar o que se falava sobre o Brasil de modo geral. O futebol brasileiro que, segundo Nelson Rodrigues, desde 1958 tinha livrado o Brasil da “alma de vira lata”, repetiu – agora em rede planetária – o que temos de pior: arrogância e despreparo para a realidade que se apresenta. Mas quando achamos que poderia servir de algum aprendizado, anuncia-se a uma “nova era Dunga”. Essa tem sido frequentemente a nossa história. Haja alma de vira-lata para tanto!